

7º DOMINGO APÓS EPIFANIA

23 DE FEVEREIRO DE 2025

LUCAS 6.27-38

1 NOTA INTRODUTÓRIA

Este recurso homilético foi preparado tendo em vista a pregação da Palavra de Deus no culto cristão. A proposta é oferecer um apoio, não esgotando a possibilidade de consultar comentários bíblicos e outras fontes de pesquisa.

O 7º Domingo após Epifania finaliza este período do calendário litúrgico ao anteceder o Domingo da Transfiguração do Senhor. Inicialmente é apresentada uma noção geral de cada uma das leituras bíblicas, procurando notar uma temática central e norteadora. A leitura do Evangelho recebe um estudo mais detalhado em relação aos demais textos e, por fim, é apresentada não uma sugestão homilética propriamente, mas uma reflexão acerca da pregação.

Vale destacar que o período de Epifania, à luz do ano eclesial como um todo, concentra sua mensagem na presença de Jesus – por meio de quem o Reino de Deus se evidencia. A temática deste período concentra-se (1) na glória de Jesus de Nazaré como o Cristo de Deus; (2) na revelação de Jesus como o Cristo também aos gentios; e (3) na ação do Espírito Santo, iluminando o entendimento de que Jesus é o Cristo de Deus.

Aproveite para meditar sobre como o resultado do seu estudo, em particular, pode ser aplicado tanto a circunstâncias individuais como coletivas, além de evangelísticas/missionárias. Tenha em mente que esta é mais uma oportunidade para ensinar, semear e cultivar a Palavra de Deus. Ainda que muito esforço seja investido neste trabalho, Deus Espírito Santo é quem o ilumina e santifica.

2 LEITURAS DO DIA

2.1 Salmo 103.1-13

A temática do Salmo a partir do trecho selecionado é um convite: louvar ao SENHOR pelas bênçãos recebidas individual (v. 1-5) e coletivamente (v. 6-14), sobretudo louvar ao SENHOR por quem Ele é – o que se evidencia no que Ele faz.

Numa perspectiva cristológica, o versículo 4 merece atenção porque destaca a *redenção*, apontando para a libertação que é concretizada mediante a ressurreição de Cristo. O Salmo mostra como tal promessa vinculada à ressurreição não é novidade, tampouco assunto limitado ao Novo Testamento, mas perpassa toda a história do povo de Deus já desde o Antigo Testamento.

A compreensão de que justiça é obra de Deus aparece no versículo 6. O termo em hebraico (*tsedaqah*) engloba “inocência” e “honestidade”, referindo-se a atributos divinos, e denotando que Deus é quem salva. Embora o salmista descreva que Deus “repreende”, essa repreensão não é opressora, mas é limitada pela misericórdia do SENHOR, quem se assemelha a um pai que se compadece de seus filhos.

Em resumo, até é possível listar ou especificar as bênçãos descritas entre os versículos 3-10. Todavia, a ótica da teologia da cruz leva a perceber que a ênfase não recai sobre as bênçãos, como um fim em si mesmas, mas a ênfase está no próprio Senhor. As dádivas evidenciam que o SENHOR é movido por compaixão e misericórdia; Deus é o provedor de bênçãos, conforme destacam os versículos 1, 2 e 13. A compaixão e a misericórdia de Deus, fonte de todas as bênçãos, está escancarada em Jesus Cristo – Deus e Redentor.

2.2 Gênesis 45.3-15

A leitura do Antigo Testamento indicada para este dia mostra o desfecho do que aconteceu a José, filho de Jacó (ou Israel), e, conseqüentemente, à sua família. A narrativa ocupa significativamente o livro de Gênesis (pelo menos desde o capítulo 37 até o fim do livro) e descreve verdades importantes sobre Deus e sobre as pessoas.

À altura em que a narrativa se passa, José ocupava importante cargo no Egito junto a Faraó. Houvera escassez de alimentos em todo o mundo e os irmãos de José precisavam de alimento para suas famílias. Eles recorreram ao Egito, onde as colheitas haviam sido sobremaneira prósperas. Inicialmente José evitou ser reconhecido por seus irmãos, mas, por não se conter, decidiu revelar-se a eles.

Os irmãos tiveram seus sentimentos revelados: ao pressupor que José se vingaria, ficaram assustados. É verdade que José não deixou de expor a maldade que seus próprios irmãos lhe provocaram, mas suas palavras demonstram algo maior: compaixão e misericórdia. Após ter sido traído pelos próprios irmãos e ter sido preso injustamente no Egito, José enxerga na sua própria história a ação graciosa de Deus.

O temor sentido pelos irmãos indica o efeito da repreensão pelo pecado, ao passo que, da parte de José, se destacam a compaixão e a misericórdia para com seus transgressores. A história de José dá testemunho de como Deus age na história do mundo: em Cristo, Deus assume o pecado e suas consequências em favor da humanidade.

2.3 1Coríntios 15.21-26,30-42

A primeira carta de Paulo aos cristãos em Corinto descreve uma congregação cuja situação era de divisão (veja 1Co 1.10-13), dificuldades semelhantes às quais congregações ou grupos cristãos ainda hoje estão suscetíveis. Com isto em vista, Paulo se vale da carta com o propósito de expor que a unidade da fé entre os cristãos está em Cristo Jesus crucificado e ressurreto.

No trecho indicado pela perícopes, o apóstolo Paulo destaca a morte como a consequência do pecado, que entrou no mundo por meio de um só homem. Em todo o tempo a morte manifesta-se não como o único, mas o último inimigo da humanidade a ser derrotado. Todavia, a centralidade da mensagem está na ação de Deus em Cristo, expressão máxima da compaixão e misericórdia de Deus, pois *“assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo”* (1Co 15.22).

Ao considerar o texto, tanto para estudo quanto no próprio culto, é oportuno ter em mente o contexto cultural dos cidadãos coríntios bem como o contexto bíblico da própria carta. Possivelmente cultura e pensamento gregos à época influenciaram as contendas entre os cristãos (a exemplo de 1Co 15.33), mas a solução apontada pelo apóstolo fixa-se nas dádivas que procedem de Deus em Cristo – *“para que Deus seja tudo em todos”* (cf. 1Co 15.28).

3 ESTUDO DO TEXTO DE LUCAS 6.27-38

A leitura do Evangelho destacada para o fim de semana em questão é daqueles textos que dispensam uma leitura rápida e superficial. Qualquer pressa pode resultar em conclusões precipitadas. Procure observar e transmitir aos ouvintes a relevância do texto, expondo, ainda que brevemente, o seu contexto no Evangelho e em paralelo às demais leituras.

3.1 O que diz o texto

O texto é um recorte de um discurso maior de Jesus (desde, pelo menos, Lc 6.17 até Lc 6.49). O recorte apresenta uma série de exortações que Jesus faz a seus seguidores, resumidas nos vv. 35 e 36 *“amem os seus inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar nada em troca [...] Sejam misericordiosos, como também é misericordioso o Pai de vocês.”*

3.2 O que quer dizer o texto

É oportuno observar que as exortações de Jesus não implicam numa espécie de agenda a ser cumprida pelo cristão ou numa habilidade a ser praticada/adquirida diante de algumas situações específicas. As exortações de Jesus indicam o ápice das consequências que a misericórdia provoca na vida de seus seguidores: ao ser alvo de ódio, responde com amor. Ao ser amaldiçoado, responde com bênção. Ao ser confrontado, responde com oração. Ao encontrar um necessitado, oferece. Ao ser prejudicado, não busca vingança.

Ainda que o mundo esteja cheio de incentivos para boas práticas, o coração pecador enxerga ali uma oportunidade de fazer favores com vistas a uma retribuição, enquanto as exortações listadas por Jesus vão em outra direção. Bem mais do que expor “condutas” que se podem ser praticadas, as exortações de Jesus abrangem um aspecto profundo e extremamente mais intenso. Ao ordenar que seus seguidores sejam *“misericordiosos”* (Lc 6.36), Jesus mostra que a misericórdia é a causa – e não uma

consequência/conquista – das atitudes na vida cristã. A misericórdia não tem origem no ímpeto humano, mas em Deus Pai.

3.3 Aprofundando o texto

v. 27 — *Digo, porém, a vocês que me ouvem: amem os seus inimigos, façam o bem aos que odeiam vocês.*

Faz bem lembrar que o discurso de Jesus é precedido pela escolha dos doze apóstolos (vv. 12-16) e pela cura de pessoas enfermas ou endemoniadas (vv. 17-19). No v. 17 o evangelista parece fazer uma distinção proposital entre os “muitos discípulos” (de Jesus) e a “grande multidão do povo”, sendo que Jesus direciona suas exortações àqueles que o ouvem.

O amor aparece como primeira exortação, uma vez que o ponto central de todo o ensino e obra de Jesus está no amor. Todavia, o objeto deste amor pode ser perturbador. Jesus coloca os inimigos e aqueles que odeiam seus seguidores como alvo do amor. Na carta aos romanos, o apóstolo Paulo menciona que os cristãos, antes da reconciliação com Deus em Cristo, eram inimigos de Deus.

A condição do amor que procede de Deus independe do merecimento por parte do inimigo. O amor pelos seus inimigos por parte daqueles que seguem e ouvem a Jesus não tem qualquer aspecto de condicionalidade, tampouco emocionalismo ou sentimentalismo, mas reflete o amor incondicional tornado conhecido no próprio Cristo.

vv. 28-29 — *Abençoem aqueles que os amaldiçoam, orem pelos que maltratam vocês. Ao que lhe bate numa face, ofereça também a outra; e, ao que lhe tirar a capa, deixe que leve também a túnica.*

Os seguidores de Jesus, ainda que não se conformem com a maldade no mundo, não agem por vingança/retribuição ao mal. A oração em favor dos inimigos expressa que o cristão vive pela graça de Deus, operada pela fé no coração dos crentes e que os leva a perdoar/abençoar livremente.

O evangelista Lucas, mais adiante, mostrará como o Salvador Jesus cumpriu essa verdade (cf. Lc 23.34) e como Estevão a experienciou (At 7.60).

vv. 30-31 — *Dê a todo o que lhe pedir alguma coisa; e, se alguém levar o que é seu, não exija que seja devolvido. Façam aos outros o mesmo que vocês querem que eles façam a vocês.*

Além de não retribuir o mal com mal, os seguidores de Jesus são orientados a oferecer ainda mais. O cristão, sustentado e guiado pela graça de Deus, não reage com vingança ou agressão, mas reage paciente e confiante em Deus, disposto a sofrer ainda que injustamente.

A teologia da cruz distingue entre a obediência aos mandamentos de Cristo e a compreensão de que, devido à nossa natureza pecaminosa/caída, já não somos capazes de cumpri-los perfeitamente. No entanto, isso não abole o chamado para viver de acordo com o padrão de Cristo, que, por sua vez, também nos perdoa e nos fortalece.

A generosidade é uma expressão da fé cristã, da confiança que Deus é o provedor de todas as necessidades. Assim, o cristão não deve ser mesquinho ou apegar-se aos bens materiais de forma egoísta, mas viver com a certeza de que Deus provê tudo o que é necessário. A generosidade não é motivada pela expectativa de se receber algo em troca, mas pela ciência de que tudo é dom de Deus.

vv. 32-35 — *Se vocês amam aqueles que os amam, que recompensa terão? Porque até os pecadores amam aqueles que os amam. Se fizerem o bem aos que lhes fazem o bem, que recompensa terão? Até os pecadores fazem isso. E, se emprestam àqueles de quem esperam receber, que recompensa terão? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Vocês, porém, amem os seus inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar nada em troca; vocês terão uma grande recompensa e serão filhos do Altíssimo. Pois ele é bondoso até para os ingratos e maus.*

O princípio de justiça e retribuição aparece em muitas situações cotidianas. Ainda que os não convertidos sejam capazes de retribuir o amor que recebem, Jesus está desafiando seus seguidores a irem além da lógica humana de retribuição. Jesus ordena os seus discípulos a serem generosos sem esperar recompensas, da mesma forma que a salvação e a vida cristã independem de qualquer dignidade ou merecimento.

O amor que Jesus ordena não é um amor natural, mas sobrenatural – isto é, para além do natural – pois é amor que procede de Deus e ultrapassa as limitações humanas.

Para um seguidor de Jesus, o amor não espera nada em troca, tal como Cristo amou o mundo.

v. 36 — *Sejam misericordiosos, como também é misericordioso o Pai de vocês.*

A misericórdia de Deus é a razão pela qual os cristãos podem ser misericordiosos uns com os outros. Jesus tira seus seguidores de um olhar egocêntrico e de autossuficiência, e os coloca numa relação de humilde dependência perante o Pai.

O tema da misericórdia aparece não como uma finalidade (do tipo “façam isso para serem misericordiosos”), mas como a causa/essência das ações. No entanto, tal essência é incompatível com a natureza humana corrompida pelo pecado, mas é resultado da poderosa presença da graça de Deus. A novidade de vida, operada pelo Espírito Santo mediante a Palavra, impacta o caráter do cristão. Isto é, identidade (ser) e ação (fazer) são fruto da graça de Deus.

vv. 37 e 38 — *Não julguem e vocês não serão julgados; não condenem e vocês não serão condenados; perdoem e serão perdoados; deem e lhes será dado; boa medida, prensada, sacudida e transbordante será dada a vocês; porque com a medida com que tiverem medido vocês serão medidos também.*

Lutero reconhece que “pecamos muito diariamente e nada merecemos senão castigo” e ainda que sejamos “indignos de todas as coisas que pedimos”, podemos confiar que o Pai celeste perdoará nossos pecados por Sua graça (cf. explicação da quinta petição da Oração do Pai-Nosso, no Catecismo Menor). Esta explicação leva a considerar que o imerecido perdão de Deus independe da nossa participação, o que nos motiva a considerar a relação com o nosso próximo.

Cabe refletir: será que o cristão, quando na condição de vítima de um pecado qual for, primeiro espera uma demonstração visível de arrependimento ou, à semelhança da iniciativa de Deus, oferece ao transgressor o perdão gratuitamente? A leitura de Mateus 18.23-35 pode auxiliar nesta reflexão, mas por enquanto cabe ressaltar que a situação de um cristão perante o pecado não é de acusador ou juiz, mas de proclamador do perdão que provém da graça de Deus.

3.4 Considerações finais

A Palavra de Deus revela que a misericórdia de Deus se torna conhecida na cruz de Cristo. Jesus, sendo o Filho de Deus, tomou sobre si os pecados da humanidade, oferecendo perdão gratuito a todos que creem nele. O perdão recebido de Deus não deve ser visto como um fim, mas como um começo para viver de maneira que reflète o caráter de Cristo. O cristão, portanto, não pode ignorar o profundo impacto da misericórdia de Deus sobre sua vida.

Jesus não apenas pede aos seus seguidores que perdoem, mas que também ajam com generosidade e compaixão. O cristão deve refletir a generosidade de Deus não apenas em relação aos amigos e familiares, mas também em relação aos inimigos, conforme já destacado nos versículos anteriores, quando Jesus exorta a amar inclusive os inimigos (Lc 6.27-36).

Nesse sentido, o cristão é chamado a ser um "instrumento" da misericórdia de Deus no mundo que o cerca. A expressão da misericórdia não deve ser limitada a uma atitude externa de caridade/boa obra, mas deve refletir um coração transformado pela graça de Deus. O cristão é desafiado a ir além do simples cumprimento das normas morais e a viver com um coração generoso, disposto a perdoar e a ajudar, refletindo a compaixão de Cristo para com o próximo, inclusive para com aqueles que nos ferem ou prejudicam.

Expressar a misericórdia é, portanto, um testemunho de que o cristão vive sob a graça de Deus e, ao fazê-lo, é chamado testemunhar dessa graça para os outros, incluindo os inimigos. João 15.1-12 ajuda a lembrar a dependência de Cristo, sem o qual nada se pode fazer.

4 CONSIDERAÇÕES HOMILÉTICAS

Depois de ler e aprofundar seu estudo em cada uma das leituras, considere-as como uma unidade. Ainda que sejam sugestões, ao menos um tema central me parece bastante evidente: *movido por compaixão e misericórdia, Deus age na história de seu povo e na história do mundo.*

Considere também a pregação no seu contexto mais próximo, no culto, e num contexto mais amplo, dentro do calendário litúrgico. Embora seja possível que muitos ouvintes não tenham ouvido a pregação dos finais de semana anteriores a este, o período da Epifania sugere um sentido de expansão no alcance da proclamação da Palavra de Deus, o que permite uma aplicação do texto tanto no sentido individual quanto coletivo.

Por fim, mas não menos importante: considere-se como ouvinte da Palavra de Deus, assim como serão os ouvintes da sua pregação. Perceba como você, por meio do ofício da pregação, está servindo ao propósito de proclamar compaixão e misericórdia, não apenas no sentido de instruir os fiéis quanto às obras, mas, sobretudo, destacando a necessidade que todos temos de confiar e apegarmo-nos à graça de Deus.

Reflita sobre como todos temos a tendência a vingança e retribuição meritória no dia a dia, mas sobretudo como também você tem sido alcançado pela graça compassiva e misericordiosa do SENHOR. Sem dúvidas, você terá melhores condições para falar daquilo que conhece e no contexto em que está.

Ainda, penso que é possível selecionar um texto para a pregação, mas sugiro aproveitar e transitar por todos eles ao longo da pregação. A conexão teológica e temática está bem clara, conforme sugere o resumo a seguir:

A Bíblia revela que Deus, em sua essência, é misericordioso e compassivo, agindo em favor do seu povo e da humanidade. O Salmo 103.1-13 exalta essa verdade ao nos lembrar que Deus é quem perdoa nossas iniquidades, cura nossas enfermidades, e nos coroa de bondade e misericórdia. Ele não trata conforme merecem os nossos pecados, mas, como um pai que se compadece de seus filhos, age com ternura e amor incondicional.

Essa compaixão também é percebida na história de José, narrada em Gênesis 45.3-15. Depois de anos de sofrimento, José revela-se a seus irmãos e, em vez de vingança, oferece perdão e reconciliação. José reconhece que foi Deus quem o levou até o Egito para preservar a vida de muitos. A providência divina não só salvou a nação de Israel, mas mostrou que Deus age com misericórdia mesmo nos momentos de dor e injustiça.

Em 1Coríntios 15.21-26,30-42, Paulo expõe a esperança da ressurreição, evidenciando a ação misericordiosa de Deus na redenção da humanidade. Assim como em Adão veio a morte, em Cristo vem a ressurreição e a vida. Essa promessa nos aponta

para a vitória final sobre a morte, resultado da compaixão de Deus que transcende a história, restaurando o propósito original de santidade, justiça e comunhão de Deus para sua criação.

No Evangelho de Lucas 6.27-38, Jesus nos ensina a inspirar nossas ações na compaixão de Deus, amando até mesmo os inimigos, oferecendo perdão e sendo generosos. Ele nos convida a refletir o caráter do Pai que é bondoso até com os ingratos e maus. O chamado ao perdão e à misericórdia está profundamente conectado ao exemplo divino: “Sejam misericordiosos, como também é misericordioso o Pai de vocês” (Lc 6.36).

Enfim, Deus age na história com compaixão e misericórdia, não apenas para corrigir, mas para reconciliar e restaurar. Assim como Ele se reconcilia conosco e nos restaura plenamente, Ele também nos chama a sermos instrumentos de sua graça, vivendo e testemunhando da mesma misericórdia que recebemos. Ao reconhecermos sua bondade em nossa história, somos levados a louvar e a confiar na fidelidade daquele que é rico em amor e tardio em irar-se, conduzindo a história do mundo para o cumprimento de seu propósito eterno.

Deus abençoe sua vida e trabalho!

Pastor Fernando Behling